

O CEIFADOR

SCYTHE VOL. 1

NEAL SHUSTERMAN

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Neal Shusterman

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Scythe

CAPA Chlöe Foglia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Kevin Tong

PREPARAÇÃO Elisa Machado

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues, Giovanna Serra e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shusterman, Neal

O Ceifador : Scythe vol. 1 / Neal Shusterman ; tradução
Guilherme Miranda. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte,
2017.

Título original: Scythe.
ISBN 978-85-5534-035-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-02011

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinte

 editoraseguinteoficial

*Para Olga (Ludovika) Nødtvedt,
fã distante e amiga.*

Parte I

MANTO E ANEL

Devemos, por lei, manter um registro de todos os inocentes que matamos.

E, a meu ver, todos são inocentes. Mesmo os culpados. Todo mundo é culpado de alguma coisa e todo mundo ainda guarda uma memória da inocência da infância, não importa quantas camadas de vida a cubram. A humanidade é inocente; a humanidade é culpada; ambas as afirmações são inegavelmente verdadeiras.

Devemos, por lei, manter um registro.

Tudo começa no primeiro dia de aprendizagem — mas não chamamos oficialmente de “matar”. Não é política nem moralmente correto chamar assim. Esse ato é e sempre foi chamado de “coletar”, em referência à atividade de apanhar as sobras que ficaram no campo depois da colheita. Deixar que os pobres coletassem esses restos era a forma mais antiga de caridade. O trabalho do ceifador é igual. Desde que têm idade suficiente para entender, todas as crianças aprendem que os ceifadores prestam um serviço crucial à sociedade. A nossa missão é, no mundo moderno, o que mais se aproxima de uma missão sagrada. Talvez seja por isso que devemos, por lei, manter um registro. Um diário público, explicando àqueles que nunca vão morrer e àqueles que ainda não nasceram o motivo por que nós, seres humanos, fazemos o que fazemos. Somos instruídos a anotar não apenas nossos atos, mas também nossos sentimentos, porque deve-se saber que temos sentimentos. Remorso. Arrependimento. Sofrimentos grandes demais para suportarmos. Porque, se não sentíssemos nada, que espécie de monstros seríamos?

Do diário de coleta da ceifadora Curie

Nada encobriu o sol

O ceifador chegou no fim de uma fria tarde de novembro. Citra estava na sala de jantar, enfrentando um problema muito difícil de álgebra, baralhando variáveis, sem conseguir encontrar o X nem o Y, quando aquela variável nova e muito mais fatal entrou na equação de sua vida.

Visitas eram frequentes no apartamento da família Terranova; por isso, quando a campainha tocou, não houve nenhuma suspeita — nada encobriu o sol, não houve nenhum indício da chegada da morte à sua porta. Talvez o universo desse oferecer esses avisos, mas os ceifadores não eram muito diferentes dos cobradores de impostos no esquema geral das coisas. Eles apareciam, cumpriam sua função desagradável e iam embora.

Sua mãe atendeu à porta. De onde estava, Citra não conseguia ver o visitante. O que ela viu foi a reação da mãe, subitamente paralisada, como se o sangue tivesse se solidificado dentro dela. Se fosse empurrada, parecia que se quebraria em pedaços no chão.

— Posso entrar, sra. Terranova?

Foi o tom do visitante que o denunciou. Retumbante e implacável como a badalada monótona de um sino de ferro, certa de que seu repique chegaria a todos que deveriam ouvir. Antes mesmo de ver, Citra teve certeza de que era um ceifador. *Meu Deus! Um ceifador na nossa casa!*

— Sim, sim, claro. Entre. — A mãe de Citra se afastou para abrir caminho, como se ela fosse a visita, e não o ceifador.

Ele cruzou a entrada sem que suas sandálias macias fizessem barulho no assoalho de madeira. Seu manto de várias camadas era de um delicado linho cor de marfim e, embora pudesse espanar o chão de tão longo, não havia mancha de sujeira em nenhuma parte. Citra sabia que os ceifadores podiam escolher a cor do manto — qualquer cor menos o preto, considerado inadequado para o trabalho deles. Preto era a ausência de luz, e os ceifadores eram o contrário disso. Luminosos e iluminados, eram vistos como a nata da humanidade — e esse era o motivo pelo qual eram escolhidos para o trabalho.

Alguns mantos de ceifadores eram brilhantes, outros mais discretos. Pareciam os mantos suntuosos e ondulantes dos anjos renascentistas, pesados mas ao mesmo tempo leves como o ar. O seu estilo único, fosse qual fosse o tecido ou a cor, os tornava fáceis de identificar e também de evitar — quando se queria evitar. Muitos eram os que se sentiam atraídos por eles.

Não raro, a cor do manto dizia muito sobre a personalidade do ceifador. O tom de marfim daquele ceifador era agradável, distante de um branco puro que agrediria os olhos com seu brilho. Mas nem por isso aquele que o usava deixava de ser quem ou o que era.

Ele tirou o capuz, revelando o cabelo grisalho bem curto. Sua expressão era melancólica, com faces avermelhadas pelo dia frio e olhos castanhos que quase pareciam armas. Citra se levantou. Não por respeito, mas por medo. Choque. Tentou manter o controle da respiração. Tentou não deixar os joelhos se dobrarem. Eles já a traíam, tremendo sob seu peso, então contraiu os músculos para manter as pernas firmes. Qualquer que fosse o objetivo do ceifador ali, ele não a veria desabar.

— Pode fechar a porta — ele disse à mãe de Citra, que obe-

deceu, embora a garota pudesse ver o quanto aquilo lhe foi difícil. Um ceifador ainda poderia se virar e ir embora, se a porta estivesse aberta. A partir do momento em que era fechada, ele estava realmente dentro da casa.

Ele olhou ao redor, logo avistou Citra e abriu um sorriso.

— Olá, Citra — ele disse. O fato de já saber seu nome a deixou tão paralisada quanto a mãe diante da súbita aparição.

— Não seja mal-educada — a mãe se apressou em dizer. — Cumprimente nosso convidado.

— Bom dia, excelência.

— Oi — disse seu irmão mais novo, Ben, que acabara de sair à porta do quarto, depois de ouvir o tom grave da voz do ceifador. Ele mal conseguiu emitir aquela breve saudação. Lançou um olhar para Citra e a mãe, pensando o mesmo que elas. *Quem ele veio buscar? Será que sou eu? Ou vão me deixar aqui para chorar a perda?*

— Senti um cheiro delicioso no corredor — o ceifador disse, inspirando o aroma. — Agora vejo que estava certo ao entrar neste apartamento.

— É apenas um macarrão de forno, excelência. Nada especial. — Até aquele momento, Citra nunca tinha visto sua mãe tão assustada.

— Que bom — disse o ceifador —, porque não exijo nada especial. — Ele sentou no sofá e esperou pacientemente pelo jantar.

Seria demais achar que aquele homem estava ali apenas para uma refeição e nada mais? Afinal, os ceifadores tinham de comer em algum lugar. Normalmente, os restaurantes não lhes cobravam a comida, mas isso não significava que comida caseira não fosse mais apetitosa. Havia boatos de que os ceifadores exigiam que suas vítimas lhes preparassem uma refeição antes de serem coletadas. Era isso o que estava acontecendo?

Quaisquer que fossem suas intenções, ele as guardou para si, e

a família teve de dar o que ele queria. Citra se perguntou se, caso a comida estivesse do seu gosto, ele pouparia uma vida naquela casa. Não era de admirar que as pessoas fizessem de tudo para agradar os ceifadores. A esperança diante do medo é a motivação mais forte do mundo.

A mãe de Citra trouxe uma bebida quando o ceifador pediu, e agora se esforçava para garantir que o jantar daquela noite fosse o melhor que já havia servido. Cozinhar não era o seu forte. Normalmente, voltava do trabalho a tempo apenas de preparar qualquer coisa rápida para todos. Dessa vez, a vida deles poderia depender de suas habilidades culinárias duvidosas. E o pai deles? Será que chegaria em casa a tempo ou haveria uma coleta na família em sua ausência?

Por mais medo que tivesse, Citra não quis deixar o ceifador entregue aos próprios pensamentos, então entrou na sala com ele. Ben, fascinado e assustado, sentou ao lado dela.

O homem finalmente se apresentou como Honorável Ceifador Faraday.

— Eu... hum... fiz um relatório sobre Faraday para a escola uma vez — Ben disse, e sua voz falhou só uma vez. — O senhor escolheu um nome bem da hora.

O ceifador Faraday sorriu.

— Gosto de pensar que escolhi um patrono histórico bem adequado. Como muitos cientistas, Michael Faraday foi subestimado durante a vida, mas nosso mundo não seria o mesmo sem ele.

— Acho que tenho você na minha coleção de figurinhas de ceifadores — Ben continuou. — Tenho quase todos os ceifadores midmericanos. Mas você parece mais novo na foto.

O homem aparentava ter cerca de sessenta anos e, embora seu cabelo fosse grisalho, o cavanhaque tinha poucos fios brancos. Era raro uma pessoa se permitir chegar a uma idade como aquela sem se restaurar para parecer mais jovem. Citra se perguntou quantos

anos ele tinha de verdade. Há quanto tempo era encarregado de tirar vidas?

— O senhor tem a idade que aparenta ou está no fim da vida por opção? — Citra perguntou.

— Citra! — Sua mãe quase derrubou a caçarola que havia acabado de tirar do forno. — Mas que pergunta!

— Gosto de perguntas diretas — o ceifador disse. — Demonstram honestidade de caráter, então vou dar uma resposta direta. Admito que já me restaurei quatro vezes. Minha idade natural gira em torno de cento e oitenta anos, esqueci o número exato. Recentemente, passei a preferir essa aparência respeitável porque percebi que aqueles que coletam se sentem mais à vontade com ela. — Então ele riu. — Eles me acham sábio.

— É por isso que está aqui? — Ben perguntou sem pensar. — Para coletar um de nós?

O ceifador Faraday abriu um sorriso indecifrável.

— Estou aqui para jantar.

O pai de Citra chegou quando o jantar já ia ser servido. Pelo visto, sua mãe o informara da situação, pois ele estava mais preparado emocionalmente do que o restante da família. Assim que entrou, foi direto ao ceifador Faraday para cumprimentá-lo, fingindo estar num humor muito mais alegre e acolhedor do que certamente devia estar.

A refeição foi constrangedora — silêncio quase absoluto quebrado por comentários ocasionais do ceifador. “A casa de vocês é adorável!”, “Que limonada gostosa!”, “Esse deve ser o melhor macarrão de forno de toda a MidMérica!”. Embora tudo que dissesse fosse elogioso, sua voz repercutia como um abalo sísmico na espinha de todos.

— Nunca vi o senhor por aqui — o pai de Citra disse finalmente.

— Seria difícil ver — ele respondeu. — Não sou a figura pública que outros ceifadores gostam de ser. Alguns preferem os holofotes, mas, para fazer um trabalho realmente correto, é preciso certo grau de anonimato.

— Correto? — Citra se arrepiou com essa ideia. — Existe uma forma correta de coletar?

— Bom, sem dúvida há formas corretas — ele respondeu. E não disse mais nada sobre o tema. Apenas comeu o macarrão.

Quando a refeição estava perto de acabar, ele disse:

— Falem-me de vocês. — Não se tratava de uma pergunta ou de um pedido. Era mais uma ordem. Citra não soube dizer se aquilo fazia parte de seu joguinho da morte ou se ele realmente estava interessado. Faraday já sabia o nome de todos eles antes de entrar no apartamento, provavelmente devia saber tudo que havia para contar. Então por que perguntou?

— Eu trabalho com pesquisa histórica — seu pai disse.

— Sou engenheira de síntese alimentar — disse sua mãe.

O ceifador ergueu as sobrancelhas.

— E, no entanto, cozinhou isso do zero.

Ela pousou o garfo no prato.

— Tudo a partir de ingredientes sintetizados.

— Sim, mas, se podemos sintetizar tudo — ele começou —, por que ainda precisamos de engenheiros de síntese alimentar?

Quase dava para ver o sangue fugir do rosto de sua mãe. Foi o pai que ergueu a voz para defender o trabalho da mulher.

— Sempre há espaço para aperfeiçoamento.

— Sim, e o trabalho do meu pai também é importante! — disse Ben.

— O quê? Pesquisa histórica? — O ceifador fez um gesto de

pouco-caso com o garfo. — O passado nunca muda e, pelo que vejo, o futuro também não.

Seus pais e seu irmão ficaram perplexos e abalados com os comentários dele, mas Citra entendeu o argumento. O desenvolvimento da civilização já se completara. Todos sabiam disso. No que concernia à raça humana, não havia mais o que aprender. Nada a decifrar sobre a nossa existência. O que significava que nenhuma pessoa era mais importante do que qualquer outra. Na verdade, no esquema geral das coisas, todos eram igualmente inúteis. Era isso o que ele estava insinuando e foi o que enfureceu Citra, porque, de certa forma, ela sabia que ele tinha razão.

Citra era famosa pelo mau humor. Ele muitas vezes era mais rápido que a razão e só ia embora depois que o mal já estava feito. Essa noite não ia ser diferente.

— Por que o senhor está fazendo isso? Se está aqui para coletar um de nós, acabe logo com isso e pare de nos torturar!

Sua mãe perdeu o fôlego e o pai empurrou a cadeira para trás como se fosse levantar e tirá-la da sala à força.

— Citra, o que você está fazendo?! — Agora a voz da mãe estava trêmula. — Mais respeito!

— Não! Ele veio aqui fazer isso, então deixem que faça. Não tem como voltar atrás, já está decidido. Ouvi dizer que os ceifadores sempre tomam a decisão antes de entrar nas casas, não é verdade?

O ceifador não se abalou com a explosão dela.

— Alguns sim, outros não — ele disse tranquilamente. — Cada um de nós tem sua forma de atuar.

Ben estava aos prantos. O pai pôs o braço em volta dele, mas o menino estava inconsolável.

— Sim, os ceifadores devem coletar — Faraday disse. — Mas também temos de comer, dormir e ter conversas normais.

Citra tirou o prato vazio da frente dele.

— Bom, a refeição acabou. Pode ir embora.

Então, o pai se aproximou dele e se pôs de joelhos. Seu pai estava mesmo de joelhos diante daquele homem!

— Por favor, excelência, perdoe minha filha. Assumo total responsabilidade pelo comportamento dela.

O ceifador levantou.

— Não é necessário pedir desculpas. É revigorante ser confrontado. Você não faz ideia de como é cansativo... Todos os favores, as adulações servis, o cortejo sem fim de bajuladores. Um tapa na cara é estimulante. Faz com que eu me lembre que sou humano.

Depois disso, foi à cozinha e pegou a maior e mais afiada faca que encontrou. Balançou-a de um lado para o outro, sentindo seu peso enquanto cortava o ar.

Os gemidos de Ben aumentaram, e seu pai o abraçou mais firme. O ceifador se aproximou da mãe deles. Citra estava prestes a se lançar na frente dela para bloquear a lâmina, mas em vez de mover a faca, o homem ergueu a outra mão.

— Beije meu anel.

Ninguém estava esperando isso, muito menos Citra.

A mãe dela o encarou, balançando a cabeça, sem querer acreditar.

— O senhor está... me garantindo imunidade?

— Pela sua gentileza e pela refeição que me serviu, concedo-lhe um ano de imunidade contra a coleta. Nenhum ceifador pode tocar em você.

Mas ela hesitou.

— É melhor conceder a meus filhos.

Mas o ceifador continuou estendendo o anel para ela. Era um diamante do tamanho da articulação de seu dedo, com o centro escuro. O mesmo anel era usado por todos os ceifadores.

— Estou oferecendo a você, não a eles.

— Mas...

— Jenny, aceite logo! — insistiu o pai.

E ela aceitou. Ajoelhou-se, beijou o anel, e seu DNA foi lido e transmitido para a base de dados de imunidade da Ceifa. Em um instante, o mundo soube que Jenny Terranova estava protegida contra coletas pelos próximos doze meses. O ceifador olhou para o anel, que tinha agora um brilho avermelhado, indicando que a pessoa diante dele estava imune à coleta. Ele sorriu, satisfeito.

E, finalmente, lhes disse a verdade:

— Estou aqui para coletar sua vizinha, Bridget Chadwell — o ceifador Faraday os informou. — Mas ela ainda não tinha chegado em casa. E eu estava com fome.

Ele afagou a cabeça de Ben, como se desse algum tipo de bênção. Isso pareceu acalmá-lo. Depois se dirigiu à porta, ainda com a faca na mão, sem deixar dúvidas sobre como iria coletar a vizinha. Mas antes de sair, virou-se para Citra.

— Você vê por trás das aparências do mundo, Citra Terranova. Daria uma excelente ceifadora.

Citra se encolheu.

— Nunca quis ser uma.

— Esse — ele disse — é o primeiro requisito.

Depois saiu para matar a vizinha deles.

Naquela noite, eles não fizeram nenhum comentário sobre o acontecido. Ninguém falou sobre coletas — como se falar sobre elas pudesse atraí-las. Não se ouviu nada vindo do apartamento ao lado. Nenhum grito, nenhum gemido de súplica — ou talvez a TV da família Terranova estivesse tão alta que não desse para ouvir. Essa foi a primeira coisa que o pai de Citra fez depois que o ceifador saiu: ligou a TV e a deixou no volume máximo para abafar a coleta

do outro lado da parede. Mas não foi necessário porque, independente de como o ceifador tivesse cumprido sua tarefa, o fez em silêncio. Citra se pegou tentando ouvir alguma coisa — qualquer coisa. Ela e Ben descobriram em si mesmos uma curiosidade mórbida que os encheu de vergonha.

Uma hora depois, o Honorável Ceifador Faraday voltou. Foi Citra quem abriu a porta. Seu manto cor de marfim não exibia nenhuma mancha de sangue. Talvez ele tivesse um manto reserva. Talvez tivesse usado a máquina de lavar da vizinha depois da coleta. A faca também estava limpa, e ele a estendeu para Citra.

— Não queremos — Citra disse a ele, convicta de que podia falar em nome dos pais nessa questão. — Não vamos mais usar essa faca.

— Mas vocês *precisam* usá-la — ele insistiu — para que possam se lembrar.

— Lembrar do quê?

— Que o ceifador é apenas o instrumento da morte, mas é a mão *de vocês* que me move. São vocês, seus pais e todas as outras pessoas neste mundo que controlam os ceifadores. — Então depositou a faca delicadamente nas mãos dela. — Somos todos cumplices. Você precisam dividir essa responsabilidade.

Poderia até ser verdade, mas, depois que ele saiu, Citra jogou a faca no lixo.

É a coisa mais difícil que se pode pedir a alguém. E saber que é para um bem maior não a torna mais fácil. Antigamente, as pessoas morriam de causas naturais. A velhice era uma doença terminal, não um estado temporário. Havia assassinos invisíveis chamados “doenças” que destruíam o corpo. O avanço da idade não podia ser revertido e existiam acidentes dos quais não havia recuperação. Aviões caíam. Carros colidiam. Havia dor, sofrimento, desespero. É difícil para a maioria de nós imaginar um mundo tão inseguro, com perigos invisíveis e inesperados à espreita em todos os lugares. Agora que tudo isso ficou para trás, só nos resta um dado simples: as pessoas precisam morrer.

Não há outro lugar aonde ir; os desastres nas colônias da Lua e de Marte são prova disso. Temos um mundo muito limitado e, embora a morte tenha sido derrotada tão completamente quanto a poliomielite, as pessoas ainda precisam morrer. Antes, o fim da vida humana ficava nas mãos da natureza. Mas nós a roubamos. Agora temos o monopólio da morte. Somos seu único fornecedor.

Entendo o porquê de existirem ceifadores e como esse trabalho é importante e necessário... mas às vezes me pergunto por que tive que ser escolhida. E, se existe algum mundo eterno após este, que destino aguarda um ceifador de vidas?

Do diário de coleta da ceifadora Curie